



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos relativos a obras do PAC dos municípios do ABC

Santo André-SP, 20 de maio de 2008

Não vou repetir, aqui, os números já ditos pela Dilma Rousseff, pelo Marcio, pelo João Avamileno. Eu queria dizer que é uma alegria estar outra vez em Santo André. Lamentando, e queria, João, fazer um apelo para você me ajudar, fazer um apelo para o chefe dos Bombeiros aqui, em Santo André, porque já faz um mês e meio que eu estou para vir aqui inaugurar a universidade, e tem um problema, eu não sei se é de habite-se, não sei se é no elevador. Mas, pelo amor de Deus, era importante ver logo o que é, para a gente inaugurar logo essa universidade federal. E eu sou obrigado a apelar ao prefeito e ao Corpo de Bombeiros, e a quem de direito, porque eu estou lá em Brasília, e vai ser difícil eu acompanhar de perto isso.

Porque, vejam, nós temos duas coisas para fazer: eu tenho que vir inaugurar o primeiro pavilhão da Universidade Federal de Santo André e, depois, a gente tem que ir para São Bernardo lançar a pedra fundamental da universidade que vai ser a extensão da Universidade de Santo André, vai ser em São Bernardo. Aqui, quando ela estiver funcionando plenamente, nós vamos ter aproximadamente uns 15 mil estudantes em Santo André e uns 10 mil estudantes em São Bernardo do Campo. E queremos ter uma das maiores e mais completas universidades do País aqui, no ABC, porque era uma vergonha o ABC não ter uma universidade.

Eu sempre entendi que não era possível que a região mais industrializada do Brasil não tivesse uma universidade pública federal. Portanto, meu apelo aqui ao companheiro João Avamileno, para que interceda junto aos Bombeiros para ver o que é. Talvez os Bombeiros tenham razão.



Então, é importante só ver o que está acontecendo, para a gente resolver.

A segunda coisa é que vocês perceberam, pelo que falou a companheira Dilma, a quantidade de dinheiro que está sendo investido aqui, na região do ABC. Se a gente for analisar o que nós estamos colocando no Rodoanel, mais o que está sendo colocado na represa Billings, que uma parte pega Santo André, pega o ABC, mas também Guarapiranga, e se a gente for analisar o que estamos investindo para resolver o problema das favelas e transformar as favelas em uma vila normal, que não tenha cara de favela, tudo isso, são quase 5 bilhões de reais até 2010.

Portanto, nós queremos contribuir para que todas as cidades brasileiras que tenham favelas – sobretudo aquelas cidades que pertencem às regiões metropolitanas – o Estado brasileiro, através do governo federal, do governo estadual e das prefeituras, faça uma interferência muito grande para que a gente possa melhorar a vida das pessoas.

Porque, o que acontece? Nós tínhamos que escolher, se nós tivéssemos 40 bilhões para urbanização de favelas e saneamento básico, se nós fossemos gastar esse dinheiro em quase 6 mil municípios, você ia ter um pouquinho em cada município. O que nós fizemos? Vamos pegar todas as capitais brasileiras e todas as cidades que pertencem às regiões metropolitanas, e vamos gastar esse pesado dinheiro lá, porque é lá onde está a violência, é lá onde as pessoas moram mais comprimidas, é lá onde as pessoas estão afastadas dos seus parentes que ficaram em outros estados, é ali que pode surgir a criminalidade, é ali que pode surgir o crime organizado.

Então, nós resolvemos atacar. Porque na hora que o Estado chega num bairro, que é uma favela, faz rua, coloca luz, leva escola, constrói casas, faz centro de lazer, o que vai acontecer? Nós estamos dando cidadania para as pessoas. E as pessoas vendo a presença do Estado dentro do seu bairro, não vão precisar mais dizer que aquele bairro é violento, aquela favela é violenta, que lá só tem maconha, que lá só tem isso, só tem aquilo. Só tem isso porque



não tem a figura do Estado. O Estado não vai com educação, não vai com saúde, não vai com casa, não vai com lazer.

E, aí, você pega uma menina de 17 anos, um jovem de 18 anos, não conseguiu fazer universidade, não conseguiu aprender uma profissão, não tinha perspectiva de emprego, fica em casa, morando num barraquinho de 3X3 ou, quem sabe, 4X4, sem ter um computador, sem ter perspectiva de vida, o que vai acontecer? É desgraça pura na vida desse jovem. Se o Estado não oferece, alguém vai oferecer.

Pois bem, nós estamos tentando fazer aquilo que deveria ter sido feito há 40 anos, há 50 anos. A Dilma é do Rio Grande do Sul. Eu viajo muito com outros ministros do Brasil inteiro. Quando a gente chega em Santo André, ou em São Bernardo, ou em São Caetano, ou em Diadema, de helicóptero, as pessoas percebem que são cidades ricas. Mas as pessoas não percebem que a pobreza está lá embaixo, porque os ricos vão morando cada vez mais no alto e os pobres vão ficando cada vez mais nas beiras dos córregos, nas encostas dos morros.

Agora, companheira Dilma, o Aloizio e o Suplicy conhecem isso bem, a Marta conhece bem. Eu vou te dizer uma coisa: a indústria automobilística veio para cá na década de 50. Foi uma benção de Deus a indústria automobilística vir para cá, porque essa região aqui virou a região mais desenvolvida do País. Aqui, há 20 anos, Dilma, a gente ia fazer um ato como este, você pedia para levantar a mão, 80% era trabalhador da indústria automobilística, ou trabalhava numa revendedora de carro, ou trabalhava em uma autopeças, alguém era ligado à indústria automobilística. O que aconteceu, por que começou a surgir favelas em São Bernardo, Santo André e em outras cidades? Em São Caetano, não existe favela, porque São Caetano só tem 14 quilômetros quadrados de extensão territorial, não tem mais o que construir lá, a não ser desmanchar uma casa e fazer outra. Mas, aqui, ainda tem terreno, tem perto da represa Billings. Por que essas cidades começaram a ficar empobrecidas? Por causa



da crise econômica que nós tivemos a partir de 1980. Você está aqui com o companheiro Montorinho, que foi dirigente sindical, o Vicentinho, que foi presidente, o Marinho, que foi presidente do sindicato e hoje é Ministro da Previdência. Nós tivemos uma crise profunda, na década de 80. Quem está lembrado? Acho que estou vendo até o João Bosco, ali. Eu estou vendo o Saulo, mais acolá, o Cicottinho mais ali, eu vi a Miriam descer para abraçar um monte de companheiros dela. A verdade, é que esta região entrou numa crise profunda, na década de 80.

Quando a gente começou a pagar a dívida externa brasileira, o desemprego começou a acontecer e nós passamos, praticamente, 26 anos sem ver a indústria brasileira crescer. A indústria automobilística, empresas como Volkswagen que chegaram a ter 44 mil trabalhadores, hoje deve ter 16 mil, 13 mil trabalhadores, aqui. Então, vocês vejam o que aconteceu de trabalhador que foi mandado embora. E aqui, em Santo André, várias empresas que fecharam, empresas grandes que tinham dois, três mil trabalhadores, que fecharam. Quando o governo brasileiro resolveu tirar os impostos para importar autopeças, quebrou quase todas as empresas de autopeças aqui no ABC. Aí, Dilma, era desemprego. Aí, aquela fartura de peão trabalhando passou a ser uma fartura de companheiros desempregados. Era ferramenteiro que estava seis, sete anos sem arrumar emprego, era torneiro, era frezador, era pintor. Nós passamos a viver uma crise profunda, as cidades foram empobrecendo e pessoas foram morando em favelas. O cidadão pagava numa casa 500 reais, apenas como exemplo, de aluguel, ele preferia ir morar em um barraco, pagar 200 e ter mais 300 para ele comer.

Nós, agora, com o PAC, nós estamos querendo acabar com isso. Nós precisamos reverter, nós estamos querendo acabar com as favelas definitivamente. Não é mandando os favelados ir embora, não. É construindo casas decentes para que os favelados morem.

Veja que coisa fantástica. A coisa que eu mais admiro é uma cidade que



tem praia. Em uma cidade que tem praia, as pessoas não sabem quem é rico ou quem é pobre. Você levantou, domingo de manhã, colocou um shortinho, uma bermuda, colocou um chinelo, colocou cinco pilas aqui no bolso para tomar uma caipirosca ou uma cerveja, botou um Ray-Ban, mesmo que seja aquele comprado na feira, entrou na areia da praia ninguém sabe se você é francês, é brasileiro, é inglês, é africano. Você está lá junto com qualquer madame, junto com um qualquer, você é igual. Aqui não. Aqui, a gente é conhecido pela fotografia do lugar onde a gente mora. Então, aqui, numa cidade como o ABC, em que não tem área de lazer, aqui ou a pessoa tem dinheiro para ir numa pizzaria, num boteco, tomar uma cervejinha à noite, ou a pessoa sabe pescar, como eu, ia na represa Billings pegar uma tilapiazinha de 30 gramas, uma tilapiazinha sem vergonha, que hoje eu acho crime, mas eu cansei de pegar tilapiazinha deste tamanho assim, porque não tinha peixe maior.

Mas essas pessoas aqui, Dilma, embora seja a região mais desenvolvida do País, essas pessoas se quiserem ter um pouco de lazer, eles têm que ir para a praia ou viajar para o interior, se tiver uma casa de campo ou alguma coisa. Se não, aqui, essa região chama-se trabalho, trabalho e trabalho. São pouquíssimas as áreas de lazer. Além de trabalhar que nem um desgraçado, o cara ainda morar em uma favela, aí já é demais.

Então, companheiros, nós estamos mudando isso. O PAC é o primeiro grande começo para a gente tentar acabar com as palafitas no Brasil. Quem é do Nordeste sabe o que é uma palafita. Aquelas pessoas que moram naquelas casinhas em cima do mangue, cheias de trapiches, um quarto e cozinha, ali tem um buraco, ali eles fazem as necessidades, ali eles cozinham, ali eles dormem, ali o casal namora. É uma desgraça. Então, nós temos que acabar com isso, porque isso passou a ser uma vergonha deste País. Este País que cresceu até 14% ao ano e, mesmo assim, os pobres aumentaram ao invés de diminuir.



O que nós estamos provando agora? Nós estamos provando que é possível este País crescer melhorando a vida do povo. Aliás, é para isso que ele tem que crescer. É para melhorar a vida do povo. É para dizer para os jovens pobres que eles têm direito a entrar numa universidade e tem que entrar numa universidade sem pagar. Por que o que acontece aqui? Pega um trabalhador de uma casa como esta aqui, que é uma casa de classe média, de um cidadão que está trabalhando e construiu com a sua família. Às vezes, o companheiro ganha até um salário razoável, mas se ele quiser colocar uma filha dele para estudar medicina e ela não passar na USP, não passar na Unicamp, ela vai pagar sabe quanto? Dois mil e quinhentos reais por mês. É metade do salário dele que vai para a escola. Então, nós precisamos garantir que as pessoas tenham possibilidade.

Por isso, nós estamos fazendo no Brasil 10 universidades federais novas, estamos fazendo 48 extensões universitárias, levando universidades para o interior, estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais no interior deste País. Criamos o ProUni, que já colocou 365 mil jovens na universidade, este ano se formam os primeiros 60 mil jovens do ProUni e 40% deles são negros e negras que antes não tinham oportunidades. Agora, nós criamos o Reuni. O Reuni vai colocar mais 400 mil jovens nas universidades. O que nós fizemos? O Reuni, nós pegamos as escolas públicas federais e estamos dando um aumento para as universidades e estamos exigindo que as universidades aumentem o número de alunos por professor, que hoje a média é de 12 alunos, para 18 alunos, como é na França. Que a gente ocupe alguns horários noturnos para dar aulas para os jovens que trabalham de dia e isso vai permitir que a gente coloque mais 400 mil jovens na universidade. Até 2010, nós teremos quase que 1 milhão de jovens a mais na universidade brasileira. Além disso, com as escolas técnicas, com o aumento do tempo da escolaridade de oito para nove anos das nossas crianças, com o Fundeb, com o Programa de Desenvolvimento da Educação... E mais, nós vamos levar até 2010, também,



para 55 mil escolas públicas, vamos levar Internet banda larga para que as crianças tenham acesso à Internet. Todos os alunos do ensino técnico já têm laboratório de informática.

Então, companheiros e companheiras, o Brasil está vivendo um momento muito importante. Vocês acompanham pela imprensa, nem sempre a imprensa diz tudo o que está acontecendo no Brasil. Às vezes, se a gente quiser saber mais, a gente lê a imprensa internacional, que fala bem. Eu nunca vi como a imprensa espanhola, alemã, americana e inglesa gostam tanto do Brasil. A nossa, demora mais para enxergar.

Mas, de qualquer forma, vocês viram na televisão, esses dias – o Eduardo é quem fala essa palavra bonita – vocês viram que o Brasil atingiu o *Investment Grade*. Viu o “Grade” que eu falei? A língua até entortou. Na verdade, aí, traduzindo para o português, a gente fala: o Brasil atingiu o grau de investimento. Também não quer dizer nada para ninguém. A verdade é o seguinte: o Brasil conquistou a sua respeitabilidade internacional. O que aconteceu, essas palavras bonitas que eles falam é o seguinte: o Brasil atingiu um grau de respeitabilidade. Nós controlamos as nossas contas, gastamos o que temos que gastar, controlamos a inflação, o País está crescendo e, portanto, o povo pobre está comendo mais e, portanto, o Brasil, hoje, é merecedor de mais confiança do que era quando nós entramos.

E isso não é tudo o que nós queremos. Nós queremos mais. Nós lançamos, segunda-feira... Esse grau de investimento, eu, às vezes, fico preocupado que vocês não entendam. Vamos pegar eu e o Aloizio Mercadante como exemplo, aqui. Eu sou um cara trabalhador, ele também, é trabalhador. Eu ganho 10 por mês, ele ganha 10 por mês. Só que eu sou um cidadão casado, vou completar, sexta-feira, 34 anos de casado, eu sou um cara que pego o meu salário, levo para casa, sento com a minha esposa, discuto com ela o que tem que pagar, discuto com ela o que tem que fazer com a molecada, não compro nada que eu não possa comprar, e se sobrar um



dinheirinho, eu vou fazer uma poupança. Então, esse é o Lula. O Aloizio Mercadante recebe o mesmo salário que eu, gosta de parar no boteco para jogar um snooker, não vai para casa direto com o salário, aí gasta, tem um monte de amigos, aí, encontra com o Cicotti, com o Saulo, com o Luizinho, e ele fala: “Pode beber por minha conta, que eu vou pagar”. Bem, quem é que é o grau de investimento, entre eu e o Aloizio? Se alguém quisesse vender alguma coisa, ia vender para quem? Para mim ou para o Aloizio? Então, isso é grau de investimento. Isso é o que o Brasil conquistou: credibilidade. As pessoas percebem que o País ficou sério.

E, por conta disso, nós lançamos o Programa de Desenvolvimento Produtivo, que é para incentivar as nossas empresas a exportarem mais, para incentivar os nossos empresários a investirem mais, para que a gente possa ter mais empregos, mais renda, mais poder de consumo e melhoria de vida das pessoas.

Eu estou confiante, e quero dizer ao meu companheiro, pedir desculpas ao Aloizio pela brincadeira. Não, eu sou o Aloizio e ele é eu, tá? Ele é o grau de investimento e eu sou o não-investimento. O dado concreto é que aqueles que achavam que nós íamos levar o Brasil para o buraco, aqueles... Aqueles, agora, inventaram o seguinte: “Ah, o Brasil está dando certo porque o Lula tem sorte. Esse Lula tem uma sorte danada”. Agora, eu pergunto aqui: quem é a mulher que casa com um homem que não tenha sorte? Quem é o homem que vai casar com uma mulher azarada? Ora, Deus queira que daqui para frente o Brasil só eleja Presidente com muita sorte. Porque o cara que tem azar é o cara que perde as eleições.

Então eu acho, companheiros e companheiras, que nós chegamos a um momento em que eu posso dizer para vocês: eu vislumbro que o Brasil vai ter os próximos 10 ou 15 anos de muito crescimento. E se a gente tiver 10 ou 15 anos de crescimento constante, sustentável, a gente vai recuperar aquilo que nós deixamos de ganhar quando ficamos 26 anos sem crescer.



Agora, vocês estão percebendo na televisão que tem o problema do aumento de alimento. Vocês já ouviram falar, está tendo um problema de aumento de alimento. Deixa eu explicar para vocês uma coisa que está acontecendo: esse aumento de alimento é uma coisa que vocês estão acompanhando, que está acontecendo na China, que está acontecendo na Índia, está acontecendo no Brasil, está acontecendo nos Estados Unidos, está acontecendo no Chile, vocês estão ouvindo dizer que é um aumento de alimento global.

Por quê? É importante saber o porquê. Em primeiro lugar, é importante saber que tem mais gente comendo, no mundo. A China melhorou muito de vida, tem mais chinês comendo, tem mais indianos comendo, tem mais brasileiros comendo, tem mais africanos comendo, tem mais latino-americanos comendo, por quê? Porque nesses últimos anos, a vida do povo pobre ganhou um fôlego, eles começaram a comer mais. Na hora que eles começam a comer mais, o que tem que acontecer? Nós temos que produzir mais. Nós temos que aumentar a produção de arroz, a produção do trigo, a produção de feijão, a produção de soja. Porque quando a gente estiver produzindo mais do que as pessoas querem comprar, o preço cai. Quando a gente estiver produzindo menos do que a quantidade de pessoas que querem comprar, a tendência é o preço subir. Para entender isso direito, imagine o seguinte: se vão 10 de pessoas de manhã no primeiro supermercado que encontram comprar uma lata de óleo de soja, se tem 10 para comprar e só tem uma lata, pode ficar certo que o dono do mercado vai aumentar o preço da lata. Agora, se ele tiver 10 latas e se tiver um comprando, pode ficar certo que ele vai baixar o preço da lata para mais gente comprar.

Então, nós, agora, no governo, trabalhamos para manter esse equilíbrio, combinar a taxa de consumo da sociedade com a taxa de crescimento da economia, para que haja o equilíbrio entre oferta e demanda, entre a vontade de comprar e o que a gente tem disponível para vender. Esse é um trabalho



que certamente preocupa todo mundo, preocupa a mim, porque uma coisa que eu quero garantir para o povo brasileiro é o direito de comer. E quando aumenta o preço do alimento, significa que o pobre sofre mais, o pobre paga mais a conta. Então, nós estamos trabalhando para não deixar a inflação subir, nós queremos controlar a inflação, queremos que a economia cresça e nós queremos permitir que isso aconteça por mais de 10 ou 15 anos.

Daqui a pouco, daqui a dois anos e sete meses, está chegando o final do meu governo. Eu quero sair do governo, mas é importante avisar sempre para os brasileiros e para as brasileiras, eu já estou vendo um monte de candidatos por aí, já tem até pesquisa. Eu ainda não tenho nem candidato e nem candidata, mas vou ter e vamos eleger o nosso candidato para poder seguir a nossa política. Porque tem muita coisa para acontecer no Brasil. Eu tenho sorte, eu tenho tanta sorte que a Petrobras encontrou o petróleo na camada pré-sal, a sete mil metros de profundidade, eu tenho tanta sorte, que a Petrobras vai ter que mandar fazer 200 navios, eu tenho tanta sorte que ela vai ter que comprar dezenas de plataformas, dezenas de sondas e isso vai significar sorte do Lula para recuperar a indústria metal-mecânica, a indústria naval e gerar mais empregos. Eu tenho tanta sorte que a indústria automobilística está batendo recorde todo santo dia de produção e de venda. E por quê? Porque nós temos sorte. Antes, um companheiro para comprar um carro, eram 24 meses. Depois, passou para 36 meses. Nós fizemos reunião com a indústria automobilística e nós dizíamos: “Querem vender mais carro? Então vocês aumentem o número de prestações”. Para um companheiro trabalhador, o carro é uma paixão. Tem três paixões para a mulher e para o homem. A mulher quer um homem bonito, honesto, trabalhador e decente, quer uma casa própria e quer um carro. O homem quer uma mulher bonita, trabalhadora e decente, uma casa e um carro. Pois bem, quer vender um carro? Aumenta o número de prestação, porque se a prestação couber dentro do salário, o companheiro compra o carro. Mesmo que a rua esteja cheia, que



ele não queira sair no domingo. Quantos domingos, à tarde, eu passei lavando a calotinha do meu carro. Porque, Dilma, a gente quando é pobre, que a gente tem um carro, a gente cuida do carro quem nem cuida do bumbum do filho da gente, limpa direitinho, passa flanela, alisa, deixa brilhando, é assim mesmo. Pode ser que alguém rico não trate o carro, mas o pobre trata, é um membro da família, não é?

Então, companheiros, eu quero te dizer, meu companheiro João Avamileno, segunda-feira estaremos em Diadema para inaugurar o Quarteirão da Saúde. E eu quero, João, ainda no mês que vem, voltar a Santo André para inaugurar a universidade. Vocês têm que fazer esse compromisso comigo, porque a minha comitiva aqui, nós levantamos seis horas da manhã, não tomamos café, não almoçamos e vamos jantar em Brasília. Isso, se eu chegar em casa e a dona Marisa estiver de bom humor. Se estiver de mau humor, eu vou comer só amanhã.

Gente, um grande abraço, que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.

(S211A)